



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB**  
**FACULDADE UnB DE PLANALTINA – FUP**  
**LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEdoC**

**MEMÓRIAS DE PARTEIRAS KALUNGAS NA ESCOLA DO CAMPO DO  
VÃO DE ALMAS, CAVALCANTE – GO**

**NIECIA PEREIRA DOS SANTOS**

**PLANALTINA – DF**

**2015**

**NIECIA PEREIRA DOS SANTOS**

**MEMÓRIAS DE PARTEIRAS KALUNGAS NA ESCOLA DO CAMPO DO VÃO DE  
ALMAS, CAVALCANTE – GO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília-UnB, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagem.

**Orientadora:** Profa. Dra. Regina Coelly Fernandes Saraiva

**PLANALTINA – DF**

**2015**

### **Ficha catalográfica**

SANTOS, Niecia Pereira dos. Memórias de Parteiras Kalungas na Escola do Campo do Vão de Almas, Cavalcante – GO  
Planaltina - DF. 2015. 55 páginas.  
Monografia – Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília.  
Curso de Licenciatura em Educação do Campo.  
Orientadora: Profa. Dra. Regina Coelly Fernandes Saraiva  
I. Metodologia de Pesquisa. II. As Parteiras do Vão de Almas: conhecimento e tradição  
.III O conhecimento tradicional das Parteiras na Escola do Vão de Almas 1. SANTOS,  
Niecia Pereira dos. 2. Memórias de Parteiras Kalungas na escola do Campo do Vão de  
Almas, Cavalcante – GO.

## **NIECIA PEREIRA DOS SANTOS**

### **MEMÓRIAS DE PARTEIRAS KALUNGAS NA ESCOLA DO CAMPO DO VÃO DE ALMAS, CAVALCANTE - GO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília-UnB, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagem, defendida e aprovada em 09 de dezembro de 2015.

#### **BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Regina Coelly Fernandes Saraiva – Universidade de Brasília  
**(Orientadora)**

---

Profa. Dra. Tânia Cristina da Silva Cruz - Universidade de Brasília  
**(Examinadora interna)**

---

Profa. Dra. Lívia Penna Firme Rodrigues - Universidade de Brasília  
**(Examinadora interna)**

Dedico este trabalho aos meus pais, que torceram sempre por mim; à minha mãe Brigida; ao meu pai Virgílio; à minha família, fonte de inspiração, que lutava e me dava forças nas horas que eu mais precisava; a Rhuan, Lanna e Jhenifer, meus filhos, minha vida; ao meu esposo, Romes, que sempre esteve comigo nesta longa caminhada.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por esta vida que tenho e por me ajudar, sempre que estou precisando, guiando-me pelo caminho certo. Obrigado, Senhor!

Agradeço a toda minha família e aos amigos, que sempre torceram por mim, ajudando-me a enfrentar as lutas e conseguir minhas conquistas.

Aos meus irmãos, que me davam forças para seguir, apesar das dificuldades, Matildes, Darcino, Valtair, e à minha querida irmã que não se encontra em vida, mas em espírito. Aos meus sobrinhos, que são uma benção para mim, Adailsom e Jussára, meus anjos.

Agradeço à comunidade Vão de Almas e à comunidade Kalunga. Agradeço às Parteiras: Dona Jandira dos Santos Rosa, Dona Eva Farias da Conceição e Dona Tereza da Cunha, que compartilharam seus conhecimentos e saberes para que eu concluísse minha pesquisa de conclusão de curso.

Agradeço aos colegas da turma 5 pela amizade, companheirismo e solidariedade. Agradeço, em especial, às primas e amigas de curso, Adilene e Eriene, que me acolhiam nos momentos mais triste da minha vida.

À colega e amiga Rosilda, que tanto contribuiu com a organização e formatação deste trabalho, desde o projeto até a monografia.

Agradeço aos colegas Valquíria, Raquel e Romes, pela paciência e ajuda, por sempre dividirem os seus conhecimentos comigo, em todas as aulas, principalmente em Literatura. Agradeço pelas tantas vezes que anoitecíamos estudando para que eu pudesse alcançar a aprovação.

Aos colegas, que além de sempre proporcionar tantos momentos de alegria, diversão e amizade, ajudaram-me com a minha filha Lanna Jhennifer, que tinha apenas dois meses na etapinha (início do curso), e que continuaram comigo nesta carreira, dando-me força e coragem para terminar o curso. Que Deus ilumine o caminho dessas pessoas gentis, maravilhosas e amigáveis.

Agradeço à minha orientadora, professora Regina Coelly, pela orientação, encorajamento e amizade ao longo deste percurso acadêmico. Agradeço pelas trocas de ideias, informações, livros, alegrias e experiências, únicas, vividas durante as aulas e os trabalhos.

A todos aos professores da LEdoC, pela competência, caridosa atenção, carinho e prestatividade durante as aulas e o Tempo Comunidade, entendendo sempre as nossas dificuldades e distâncias.

À professora Eliete, pela Ciranda que tanto contribuiu com a permanência das mães no curso. Sem esse apoio, muitas delas teriam desistido e não iriam se formar, pois estudar e cuidar de crianças, ao mesmo tempo, é muito difícil. Professora, que Deus te ilumine, e que você continue fazendo pelas pessoas o que for certo. Vivi essa experiência de ter o apoio da Ciranda, pois quando iniciei o curso a minha filha tinha apenas dois meses; hoje ela está com quatro aninhos, e graças a Deus cheguei ao final do curso. A Ciranda ajudou-me a permanecer no curso, pois garantia cuidados à minha filha para que eu pudesse permanecer na sala de aula.

Ao Programa institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID, pelo auxílio durante o curso e o Tempo Comunidade, pela ajuda no desenvolvimento de ações na Escola e na comunidade.

## **RESUMO:**

A pesquisa “Memórias de Parteiras Kalungas na Escola do Vão de Almas, Cavalcante - GO” tem como objetivo pesquisar e registrar as memórias das Parteiras da Comunidade Vão de Almas, compreendendo o amor, o carinho e a solidariedade que as mesmas têm pela sua profissão. Objetiva, ainda, mostrar a solidariedade humana na forma de trabalhar com as pessoas, sem nada cobrar em troca, fazendo uso, ou não, de plantas medicinais, antes e depois do parto, bem como informando os cuidados que elas possuem em sua profissão. Este trabalho descreve o modo como as Parteiras realizavam os partos e registra seus materiais de uso, sua crença e cultura. É uma pesquisa qualitativa, que facilita as perguntas por permitir o contato com o entrevistado. O nosso embasamento teórico permite-nos conceituar o cenário histórico, cultural e social das Parteiras. A pesquisa apresenta histórias reais de três Parteiras. Elas têm anos de experiências nessas atividades e já realizaram dezenas de partos, com sucesso e muita sabedoria, revelando costumes e crenças, como benzimentos, orações, chás, e remédios caseiros para induzir o parto e aliviar as dores. O presente trabalho registra uma riqueza de detalhes sobre as Parteiras Kalungas do Vão de Almas Cavalcante- GO, mostrando a solidariedade dessas pessoas em ajudar as mulheres Kalungas. As Parteiras apresentam bastante visibilidade em ajudar às mulheres que vivem ali, num lugar que ainda é bem isolado. Como o atendimento médico só acontece na cidade, para as comunidades elas são mulheres guerreiras e corajosas, pois enfrentam essas situações e ajudam a salvar vidas de mães e bebês, fazendo uso dos seus saberes e conhecimentos, adquiridos dos seus antepassados.

**Palavras-chave:** Memórias. Parteiras. Saberes. Conhecimento. Cultura local.

## **ABSTRACT:**

The search for "Midwives memories Kalungas in Go School of Souls, Cavalcante - GO " aims to research and record the memories of midwives Community Go Soul, including love, affection and solidarity that they have for their profession. Objective also show human solidarity in the form of working with people without charge in exchange, using, or not, of medicinal plants, before and after childbirth, as well as informing the care they have for their profession. This paper describes how the midwives performed deliveries and records their use materials, their beliefs and culture. It is a qualitative research that facilitates the questions by allowing contact with the interviewee. Our theoretical framework allows us to conceptualize the historical background, cultural and social of Midwives. The research presents real stories of three midwives. They have years of experience in these activities and has conducted dozens of births, with success and great wisdom, revealing customs and beliefs, as benzimentos, prayers, teas and home remedies to induce labor and relieve pain. This paper records a wealth of detail about the Midwives Kalungas the Go Soul Cavalcante- GO, showing the solidarity of these people in helping Kalungas women. The Midwives have enough visibility to help women who live there, in a place that is still well insulated. As medical care only happens in the city, to the communities they are warriors and brave women as facing these situations and help save lives of mothers and babies, making use of their knowledge and skills acquired from their ancestors.

Keywords: Memories. Midwives. Knowledge. Knowledge. Local culture.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>AKC</b>	Associação Kalunga Cavalcante
<b>AQK</b>	Associação Quilombo Kalunga
<b>EPOTECAMPO</b>	Associação da Educação do Campo e do território Kalunga e comunidades rurais
<b>FUP</b>	Faculdade UnB de Planaltina
<b>INCRA</b>	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
<b>LEdoC</b>	Licenciatura em Educação do Campo
<b>PIBID</b>	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
<b>TC</b>	Tempo Comunidade
<b>TE</b>	Tempo Escola
<b>UnB</b>	Universidade de Brasília
<b>DF</b>	Distrito Federal
<b>GO</b>	Goiás

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>18</b>
<b>1.0 METODOLOGIA DA PESQUISA .....</b>	<b>18</b>
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>23</b>
<b>2.0 AS PARTEIRAS DO VÃO DE ALMAS: CONHECIMENTO E TRADIÇÃO .....</b>	<b>23</b>
2.1 A COMUNIDADE DO VÃO DE ALMAS .....	23
2.2. AS PARTEIRAS KALUNGAS DO VÃO DE ALMAS.....	25
<b>CAPÍTULO III.....</b>	<b>35</b>
<b>3.0 O CONHECIMENTO TRADICIONAL DAS PARTEIRAS NA ESCOLA DO CAMPO DO VÃO DE ALMAS .....</b>	<b>35</b>
3.1 A ESCOLA MUNICIPAL/ESTADUAL SANTO ANTÔNIO.....	35
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>48</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>50</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>51</b>

## INTRODUÇÃO

A comunidade Kalunga Vão de Almas é parte do sítio histórico que abriga o patrimônio cultural Kalunga, parte essencial do patrimônio histórico brasileiro. Está localizada a aproximadamente 70 km da cidade de Cavalcante - Goiás, na Chapada dos Veadeiros, um lugar rico em culturas populares. Essa área foi reconhecida oficialmente, em 1991, pelo governo do Estado de Goiás, como sítio histórico Kalunga.

A comunidade é cercada por montanhas, morros, grandes rios (Paraná, Rio Branco, Capivara, Gameleira, Pedra Preta e Boa Vista) e inúmeros córregos. O Vão de Almas possui vegetação de Cerrado ainda bastante preservada. Há lugares onde o acesso é quase impossível. A comunidade Kalunga Vão das Almas é originalmente formada por negros, descendentes de escravos, que fugiram do cativeiro e organizaram um quilombo na região da Chapada dos Veadeiros, no nordeste de Goiás (MOURA, 2007). Esses descendentes são parte dos primeiros africanos trazidos como escravos para o Brasil, oriundos da costa da África ocidental. Eram povos guinéus, congos, cabinas, e muitos outros nomes, que, geralmente, designavam o ponto de embarque de onde tinham vindo (BAIOCCHI, 1982).

Nessa região do planalto goiano havia indígenas, mas, com a chegada dos colonizadores, muitos fugiram para não serem escravizados pelos colonizadores. Muitos desses povos indígenas se refugiaram nos vãos das Chapadas dos Veadeiros. Esse mesmo território era, também, procurado por negros fugidos do garimpo, que buscavam escapar do homem branco e da exploração que sofriam em lugares como Cavalcante, cuja vida econômica estava relacionada à mineração do ouro.

Nestes lugares recônditos, os vãos, os negros fugidos tiveram contato com os índios, que viviam por todo o planalto goiano. Esse encontro permitiu que os índios ajudassem os negros a suprir suas carências e necessidades de sobrevivência. Os índios não tinham confiança de se aproximar dos quilombolas, mas, com o passar do tempo, essa relação foi sendo modificada e eles começaram a se entender, permitindo, inclusive, trocas culturais (SILVA, 2013).

A comunidade do Vão de Almas tem cerca de 300 anos. Hoje a comunidade é constituída por quatrocentas e vinte famílias, as quais são compostas por Kalungas que residem ali desde o processo de resistência à escravidão. Os membros da

comunidade Vão de Almas são unidos por laços de parentesco, e formam verdadeiros núcleos familiares, que dividem o mesmo terreno entre pais, irmãos, tios e avós.

Segundo Silva (*apud* MOURA, 2007) esses quilombolas formaram as comunidades Kalunga, localizadas nos três municípios de Goiás: Teresina, Monte Alegre e Cavalcante. No começo, para continuar com sua liberdade, esses remanescentes quilombolas precisaram aprender a viver na Chapada, no Cerrado, por isso, precisavam conhecer bem a natureza e identificar quais eram as plantas medicinais, além de observar a época da chuva e seca.

O Vão de Almas é uma comunidade tradicional com muitos saberes e fazeres. Antigamente, o plantio era feito somente com sementes crioulas, para a sobrevivência da comunidade. Algumas famílias plantam, para sua sobrevivência, o milho, o arroz, a mandioca, o feijão, o amendoim, a abóbora, o jiló, o quiabo, o gergelim, o tomate, o pepino, entre outros. Elas, também, compram produtos na cidade, tais como: óleo de soja, sal, macarrão, alho, trigo, fubá de milho, extrato de tomate e, às vezes, carne de bovina. Outras famílias comercializam a farinha, produzida da mandioca, o óleo do coco e o óleo de gergelim, tanto para pessoas da cidade quanto para as da comunidade.

Era muito comum, no Vão de Almas, o uso de remédios e chás caseiros. Entretanto, atualmente, a comunidade já apresenta rupturas com esses saberes e fazeres. Hoje, a maioria do povo da comunidade Kalunga Vão de Almas não utiliza as plantas medicinais, nem as raízes, nem as folhas, como remédio ou chá caseiro, prefere comprar na farmácia da cidade.

Na comunidade Kalunga Vão de Almas, era comum a presença das Parteiras. As mais tradicionais já faleceram: Dona Teodora, Dona Sinhá e Dona Maria. Outras permanecem vivas, são elas: Dona Amança, Dona Tereza, Dona Maria Helena, Dona Jandira dos Santos Rosa, Dona Josefa, Dona Eva e Dona Altina. O trabalho das Parteiras é uma tradição muito respeitada na comunidade, porque antes de existirem médicos, eram essas mulheres quem ajudavam no nascimento e salvavam muitas vidas de bebês e mães.

O presente trabalho pretende descrever e registrar os conhecimentos das Parteiras, da comunidade Kalunga Vão de Almas, que estão guardados somente em suas memórias. No passado, esses saberes eram transmitidos de geração para

geração, ou seja, são práticas adquiridas ao longo de sua vida. Ocorre que, hoje, devido à falta de registro, está havendo uma perda desses conhecimentos.

A proibição de fazer partos se deu a partir de quando as Parteiras perceberem que a comunidade não apresentava recursos necessários para a realização de partos. Assim, somente se as mulheres não tivessem condições de ir à cidade, é que elas realizam esse trabalho. A proibição também se justifica pelo fato de já ter ocorrido casos de óbitos de mães e bebês. Diante disso, as Parteiras passam a ter medo de fazer parto, acontecer algo dessa natureza, e alguém denunciá-las. Assim, elas orientam as gestantes para, à medida que se aproxime a data do parto, ficarem próximas a algum pronto-socorro.

Atualmente, as Parteiras estão deixando de fazer partos, pois as mulheres estão mais informadas sobre acontecimentos já ocorridos na comunidade. Como as Parteiras viviam num lugar bem isolado, sem saber o que era cidade, e, muito menos, o que era pré-natal, elas sentiram a necessidade de criar práticas de intervenção para ajudar as mulheres que viviam ali, sem meio de comunicação e sem transporte.

Quando a comunidade Kalunga passou a possuir alguns recursos, as pessoas passaram a se inserir em outros contextos e começaram a procurar informações, a lutar por seus direitos e a buscar socorro fora da comunidade. Isso fez com que as pessoas não valorizassem os saberes, os conhecimentos e a tradição das Parteiras, deixando de reconhecer essas práticas como parte de nossa cultura tradicional.

O reconhecimento da importância desses saberes e a intenção de registrá-los geraram os seguintes questionamentos: quais os tipos de conhecimentos que são praticados pelas Parteiras da comunidade Kalunga Vão de Almas? Como o saber das Parteiras é visto pelos mais jovens da comunidade?

Esta pesquisa tem o intuito de contribuir com a construção de um olhar reflexivo sobre os conhecimentos das Parteiras do Vão de Almas. Além disso, pretende incentivar os moradores, principalmente os jovens desta comunidade, a valorizar esses saberes e fazeres.

Assim, o objetivo geral deste trabalho é registrar e descrever o conhecimento tradicional das Parteiras do Vão de Almas, buscando promover um diálogo com as novas gerações dessa comunidade, por meio do trabalho na Escola do Campo da comunidade. São objetivos específicos: contribuir com a valorização da tradição

cultural das Parteiras; estimular o reconhecimento dos jovens sobre a importância desses saberes; identificar como é visto esse conhecimento pelo estudante da Escola do Campo, na comunidade Vão de Almas.

Espera-se que este trabalho contribua com a história do Vão de Almas, conscientizando os jovens dessa comunidade sobre seu papel de construtores da sua própria história, ou seja, protagonistas do conhecimento popular, herdado dos nossos ancestrais, e que eles mesmos venham dar continuidade no conhecimento e memórias das Parteiras.

Pretende-se, com esta pesquisa, chamar a atenção dos jovens da comunidade para a importância dessas práticas, evitando, assim, o desaparecimento de um saber que vem, desde o período da escravidão, deixando marcas importantes para a comunidade do Vão de Almas e para o conhecimento humano. Por isso, a intenção da pesquisa em (re) construir os saberes e fazeres, as memórias que estão se perdendo e, com isso, a identidade daquela comunidade.

É importante que esses saberes e fazeres das Parteiras sejam vistos pelas Escolas do Campo como contribuições à aprendizagem dos educandos. Esse reconhecimento, por parte a escola, fortalece esses conhecimentos, armazenados somente nas memórias daquelas mulheres guerreiras do Vão de Almas.

A Educação do Campo deve ser voltada para a realidade, respeitando os valores e a cultura dos trabalhadores, valorizando o jeito de produzir e as tradições que possuímos, inclusive aquelas que estão registradas somente nas nossas memórias. Como licencianda em Educação do Campo, desde que comecei o curso, percebi a importância do registro das nossas culturas e tradições, oportunizando, assim, às futuras gerações, o conhecimento de como era a vida dos seus antepassados, o respeito que eles tinham e que nós devemos ter com esses saberes tradicionais.

Esta monografia está dividida em quatro capítulos, cada um apresenta um aspecto diferente: primeiramente, a introdução traz as localizações da comunidade Vão de Almas, as formas de trabalho, modos de produção e meios de sobrevivência.

O capítulo I apresenta a trajetória desta pesquisa, naquela região, a partir da percepção de que esses conhecimentos e saberes não estão sendo valorizados pelos jovens da comunidade. Buscamos fazer um registro de memórias das Parteiras, para que as futuras gerações possam conhecer como era a vida dos seus antepassados, cujos conhecimentos estão, atualmente, apenas na memória. Assim,

este trabalho pode ser um incentivo para que os jovens registrem as memórias da comunidade, fazendo-as fontes que permitem compreender o passado.

Esse capítulo aborda, também, os sentimentos das Parteiras que relatam suas experiências durante as entrevistas, com o interesse de repassar esses conhecimentos e saberes para a juventude futura. As Parteiras são mulheres importantíssimas, que sempre estão lutando pela a vida das pessoas da comunidade, salvando vidas de mães e bebês.

Paul Thompsom (1992) afirma que a história oral é um procedimento que busca interpretar o conhecimento histórico, como lembranças disseminadas de geração a geração, que trazem em si memórias de suas experiências, enfim registrando sentimentos e emoções. A memória social alimenta as imagens do passado, contribuindo para a construção de visões e representações sobre determinado período da história.

O segundo momento desse capítulo foi o trabalho realizado na Escola Estadual Kalunga I. A partir de relatos, conseguimos fazer uma roda de conversa sobre esses conhecimentos e saberes da comunidade, envolvendo os alunos do 9º ano que, aparentemente, já ouviram falar, mas não sabiam a importância e a valorização desses saberes.

Ainda nesse capítulo, abordamos a pesquisa qualitativa a apontamos a sua função de recuperar experiências humanas. O método qualitativo trabalha com valores, crenças e representações, por isso, essa abordagem é empregada na compreensão dos fenômenos.

Já o capítulo II mostra a imagem cultural dos povos Kalungas e registra onde eles sobreviveram, desde sua infância, trabalhando na roça e apreendendo a preservar a natureza e valorizando os conhecimentos e saberes.

Trazemos ainda narrativas de como as Parteiras realizavam partos, registrando as dificuldades encontradas na comunidade. Entretanto, apesar das limitações, as mulheres precisavam ter seus filhos ali, pois a comunidade não apresentava recursos para levá-las à cidade. Essa impossibilidade começava no pré-natal e estendia-se até o momento do parto. As Parteiras utilizavam alguns métodos para salvar vidas de mães e bebês, os materiais usados para cortar o umbigo eram a tesoura e o garfo; para estancar o sangramento e tratar o umbigo, usavam azeite, extraído da mamona.

Hoje, contamos com a presença dos agentes de saúde, e com remédios de farmácias, pois, na realidade de antigamente, somente usavam remédios e chás caseiros.

Nesse capítulo, narramos, ainda, aspectos da vida das Parteiras, revelando a quantidade de partos realizados durante a sua vida cotidiana.

No último capítulo, o IV, relatamos a localização da Escola Estadual Kalunga I, contando como se deu o seu início e analisando a realidade atual. O prédio escolar possui quatro salas de aula. Pela manhã atende à demanda municipal, e à tarde funciona pelo Estado. Foi nessa Escola que realizei atividades relacionadas a esta pesquisa, foi lá que achei portas abertas e onde fui acolhida na minha inserção de Tempo Comunidade.

## **CAPÍTULO I**

### **1.0 METODOLOGIA DA PESQUISA**

O tema deste trabalho surgiu a partir das vivências desta pesquisadora durante a Inserção Orientada na Comunidade. Além disso, a disciplina de Pesquisa e Memória, do curso Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC/UnB, também foi um estímulo para este estudo. Na condição de membro da Comunidade Vão de Almas, a pesquisadora percebeu a relevância de registrar memórias das Parteiras dessa comunidade, pois, entende que, atualmente, esse saber é pouco valorizado pelos jovens.

Por meio da inserção orientada, a pesquisadora percebeu que as pessoas não estão se importando com as práticas das Parteiras, isso traz preocupação, pois, com o passar do tempo, esses saberes poderão se perder.

A pesquisa tem uma abordagem qualitativa. Esse método busca recuperar as experiências humanas. A investigação qualitativa trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações e opiniões, busca perceber, com consistência, fatos e processos particulares e específicos de indivíduos e grupos. A abordagem qualitativa é empregada, portanto, para a compreensão, em profundidade, de um determinado fenômeno.

O método qualitativo, que busca recuperar experiências humanas. Neste trabalho, a abordagem qualitativa está embasada em Becker (1994) Paul Thompson (1992), Lakatos e Marconi (1993). Para a realização do trabalho, recorreu-se aos seguintes procedimentos: entrevistas orais, apresentação do trabalho e aplicação de questionário, sobre as Parteiras, para os educandos do 9º ano. Realizaram-se, ainda, pesquisas bibliográficas.

A pesquisa qualitativa não tem a pretensão de ser representativa no que diz respeito ao aspecto distributivo do fenômeno, e se alguma possibilidade de generalização advier da análise realizada, ela somente poderá ser vista e entendida dentro das linhas de demarcação do vasto território das possibilidades.

Becker (1994) registra que a história de vida aproxima-se mais da terra, a história valorizada é a história própria da pessoa, nela, são os narradores que dão forma e conteúdo às narrativas, à medida que interpretam suas próprias experiências, percebendo-as como parte do mundo do qual elas são partícipes.

Na pesquisa qualitativa, entrevista é um instrumento básico para a coleta de dados. Nesse sentido, Lakatos e Marconi (1993, p.196-201) ressaltam que na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera que inclui quem pergunta e quem responde.

A entrevista tem como objetivo principal a obtenção de informações do entrevistado sobre sua vivência no decorrer da adolescência, seus conflitos nas relações familiares e sociais. Assim, nesta investigação, os dados foram gerados através de uma entrevista aberta, pois pensamos ser este o instrumento apropriado para a pesquisa qualitativa.

A técnica utilizada foi o registro de memórias das Parteiras da comunidade. O trabalho com memórias busca recuperar informações sobre acontecimentos e processos que não se encontram registradas em outros tipos de documentos, ou mesmo que, estando registrados, não estão disponíveis para a comunidade. Ouvir história de vida é também compartilhar o fazer da história e contribuir para a interação entre a experiência pessoal e o fio intricado da história coletiva (SARAIVA, 2012).

Os registros das memórias são tomados como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos e de outras formas de registros. Caracterizam-se por serem produzidas, a partir de um estímulo, ao rememorar. O trabalho com memórias permite compreender como indivíduos interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou sociedade em geral. Isso torna o estudo da história mais concreto e próximo, facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e a compreensão das experiências vividas por outras.

Conforme destaca Paul Thompson (1992), a história oral é um procedimento integrado a uma metodologia que privilegia a realização de entrevistas e depoimentos, com pessoas que participam de processos históricos ou testemunham acontecimentos no âmbito da vida privada ou coletiva. A história oral inscreve-se entre os diferentes procedimentos do método qualitativo, principalmente nas áreas de conhecimento histórico, antropológico e sociológico. Não é a história em si mesma, mas um dos possíveis registros sobre o que passou e sobre o que ficou como herança ou como memória.

A história oral é um procedimento que busca interpretar o conhecimento histórico, como lembranças disseminadas de geração a geração, que trazem em si

memórias de suas experiências, enfim, registrando sentimentos e emoções. A memória social alimenta as imagens do passado, contribuindo para a construção de visões e representações sobre determinado período da história (THOMPSON, 1992).

A memória recorre, como fonte principal que a subsidia e alimenta as narrativas que constituirão o documento final, à fonte histórica produzida. Portanto, a história oral é um procedimento, um meio, um caminho para a produção do conhecimento histórico. A memória, principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis temporais, individuais e coletivas, dialogam entre si, muitas vezes, revelando lembranças, ora de modo explícito, ora de forma velada, chegando, em alguns casos, a ocultá-las pela camada protetora que o próprio ser humano cria ao supor, inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram sua vida. (Bolli, 2000 e Walter) É um recurso importante para transmissão de experiências consolidadas ao longo de diferentes temporalidades, pois, como afirma Paul Ricoeur:

Uma vez que entendemos no passado e transmitida por tradições às coisas ditas até nós por uma cadeia de interpretações, é preciso acrescentar uma dialética material dos conteúdos à dialética formal da distância temporal; o passado nos interroga questiona antes que o interroguemos e o questionemos (RICOEUR, 1997, p 381).

Maurice Halbwachs ressalta que a memória é dinâmica, está sempre sujeita a mudança. Comparar documentos escritos, relatos orais, manifestações artísticas e culturais, dentre outras fontes, permite levantar esquecimentos e omissões e mudar o que até então se sabia. O trabalho com a memória permite que outros indivíduos e grupos tenham destaque, atualiza lutas reprimidas e valoriza culturas e identidades vistas como “inferiores” ou “primitivas”, daí a sua importância para a cidadania. O sociólogo e antropólogo Francês Halbwachs foi um dos primeiros a chamar a atenção para o caráter social e coletivo de todas as memórias, inclusive das individuais (HALBAWACHS, 1990).

História, tempo e memórias são processos interligados. Todavia, o tempo da memória ultrapassa o tempo de vida individual e encontra-se com o tempo da história, visto que se nutrem de lembranças de família, de músicas e filmes do passado, tradições, de histórias escutadas e registradas. A memória ativa é um

recurso importante para a transmissão de experiências consolidadas ao longo de diferentes temporalidades, estando registrados, não estão disponíveis para a comunidade. Ouvir história de vida é também compartilhar o fazer da história e contribuir para a interação entre a experiência pessoal e o fio intrincado da história coletiva (SARAIVA, 2010).

O trabalho de entrevista foi realizado com três Parteiras do Vão de Almas, são elas: Dona Eva Farias da Conceição, Dona Teresa da Cunha e Dona Jandira dos Santos Rosa. A escolha por essas colaboradoras foi influenciada pela facilidade de contato, pois estávamos separadas por curtas distâncias geográficas. Além disso, elas se disponibilizaram a dar entrevistas, pois, muitas se recusam a dar informações dessa natureza. Todas essas Parteiras são nascidas e criadas na comunidade Kalunga Vão de Almas, e lá vivem até hoje. Todas têm o costume de trabalhar na roça, plantam todos os tipos de alimentos. Elas plantam, principalmente, o algodão, que, após fiado, é usado para tecer cobertas e fazer os vestuários, de pescar, de costurar.

As entrevistas, realizadas de outubro de 2014 a setembro de 2015, foram registradas no momento em que começamos a trabalhar com o tema. As entrevistadas autorizaram o uso das suas falas. Assim, fizemos gravações e anotações que, posteriormente, se tornaram materiais de análise. O momento da entrevista foi antecedido por visitas, conversas e registros com as Parteiras, que são sujeitos deste trabalho.

O segundo momento da pesquisa foi realizado na Escola Municipal Santo Antônio (Extensão Kalunga I), localizada na comunidade Vão de Almas. A Escola, criada em 1996, atende, atualmente, da Educação Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental, um total de nove séries. O prédio escolar possui boa estrutura, é formado por quatro salas de aula, um corredor, dois banheiros, uma cantina, um refeitório, com um bom espaço. Além disso, possui uma caixa de água para abastecer a escola, energia solar, internet, um computador e um motor para puxar água.

No turno matutino, atende à gestão municipal. Atuam, nesse turno, quatro professores, sendo dois homens e duas mulheres. Desse total, três estão cursando a Licenciatura em Educação do Campo – LEDOC/UnB. Os professores licenciados são: Erivelton, da turma 6, e Romes dos Santos Rosa e Maria Pereira dos Santos, ambos da turma 5. Todos esses professores trabalham com turmas multisseriadas,

com duas séries ao mesmo tempo, o que significa uma grande dificuldade no atendimento a todos esses educandos, ou seja, no acompanhamento da aprendizagem de cada um.

A partir do registro dos relatos das Parteiras, fizemos uma roda de conversa na escola, onde explicamos a importância do conhecimento tradicional das Parteiras, as suas experiências de vida e os seus saberes e fazeres. O conhecimento tradicional foi abordado, com os estudantes, ao mesmo tempo em que dialogávamos sobre o difícil ofício das Parteiras. Outros temas relacionados a isso foram trazidos, como, por exemplo, a dificuldade de criar os filhos em uma comunidade tão difícil, como é o caso do Vão de Almas.

O trabalho foi realizado com a turma do 9º ano do Ensino Fundamental, em duas aulas, com um total de oito alunos, que possuíam faixa etária entre 15 e 21 anos, tanto do sexo feminino quanto masculino. O primeiro momento da roda de conversa foi para tratar da pesquisa e do tema que iríamos estudar. Abordamos, inicialmente, o conhecimento das Parteiras e a valorização desses saberes.

No segundo momento, aplicamos um questionário sobre as Parteiras da comunidade. Por meio dessa atividade, os estudantes poderiam dar as suas opiniões sobre esse conhecimento, que é tão forte na cultura kalunga do Vão de Almas. Foi salientado que as Parteiras sempre atenderam às necessidades da comunidade, nos momentos dos partos. Esses dois momentos foram realizados em setembro de 2015.

## CAPÍTULO II

### 2.0 AS PARTEIRAS DO VÃO DE ALMAS: CONHECIMENTO E TRADIÇÃO

#### 2.1 A COMUNIDADE DO VÃO DE ALMAS

Os povos Kalungas são a imagem do seu cotidiano cultural, sobrevivem ali desde as suas infâncias, trabalhando na roça, preservando a natureza e valorizando seus saberes e conhecimentos, herdados dos seus antepassados. Seguiam a mesma religião, as mesmas crenças, enfim, partilhavam os valores culturais. Até hoje, permanecem as folias e as danças regionais, que estão entre os saberes mais importantes.

Essas Parteiras trabalhavam na roça e, ainda, atendiam à comunidade, no tocante à realização de partos. Os partos eram feitos pelas próprias Parteiras. Nessas práticas, elas usavam plantas medicinais. Para cortar o umbigo do recém-nascido, usavam tesoura, pois, naquela época, desconheciam a gilete. Usavam, também, o garfo quente, que tinha a função de queimar o umbigo.

A comunidade e as Parteiras tinham dificuldade na realização de partos demorados. Elas já ficavam desesperadas, pois, além de não existir serviço telefônico, não havia estradas, o que impedia o deslocamento, para a cidade, das mulheres que não tinham condições de ter seus filhos em casa. Sem alternativas, essas mulheres precisavam dar à luz ali mesmo, apesar de todo o sofrimento. Restavas às Parteiras usar seus saberes, como simpatias, rezas e remédios caseiros, para banho e para tomar, como meio de ajudar as gestantes, naquele momento de sofrimento. Portanto, essas Parteiras são mulheres muito corajosas, que enfrentam todas essas dificuldades vivenciadas na região.

Portanto, a importância deste trabalho está em contribuir com a valorização dos saberes, da identidade e do modo de vida de cada um desses negros. Estamos abordando a necessidade de maior compreensão e respeito à pluralidade étnica e cultural brasileira, o que inclui as comunidades de remanescentes de quilombos.

É pela história dos bandeirantes e dos quilombolas que chegamos mais perto da origem do povo Kalunga. O território Kalunga, no começo, era um quilombo, surgido da época em que os bandeirantes paulistas chegaram até as terras de Goiás. Os Kalungas dependiam do conhecimento da natureza para a sua

sobrevivência, por isso, aprenderam a preservá-la. Esses descendentes sabiam que, para continuar tendo uma comunidade preservada bonita, a natureza deveria ser respeitada.

Nós, da comunidade Kalunga Vão de Almas, viemos de um povo muito rico em cultura, saberes e formas de viver. Seus meios de subsistência eram extraídos da própria terra. Eles Viviam de roças (plantações onde desenvolvia o trabalho manual com instrumentos como: enxada, foice, machado etc.), da pesca, da caça e da domesticação de animais.

Construíam suas casas em pedaços de terras perto dos rios que banham a comunidade, ali a terra era mais fértil e produtiva. Os rios, cujos nomes são Rio Paranã, Rio Branco, Rio Capivara, Rio Gameleira, e pequenos córregos são uma das riquezas que constituem o aspecto ecológico da comunidade, além das diversas paisagens com vegetações típicas do cerrado brasileiro.

Com o passar do tempo, houve uma transformação no modo de produção com o desenvolvimento tecnológico, que foi, dia após dia, facilitando o trabalho manual. A economia começa a sofrer influência com o surgimento do capital. O capital foi divulgado pelos governos Estaduais e Federais, na década de 1970, com a implantação de benefícios (salários) a fim de facilitar e atender às necessidades da comunidade, tais como: aposentadorias para os idosos e os deficientes físicos e mentais; e, Bolsa Família para os pais que mantinham crianças nas escolas, maternidades etc.

Nesse período, a comunidade começou a se organizar, por meio de associações, para tratar dos assuntos de interesse comum. Com isso, passaram a demarcar os seus territórios, com cercas de arames e outros pontos referenciais. Hoje, os aspectos culturais, ecológicos, econômicos e políticos vêm sofrendo fortes transformações com a ideologização de evolução tecnológica. A comunidade passou a se beneficiar com o acesso à Educação, ao transporte, entre outros. Na educação, além do currículo escolar, trabalhamos, fortemente, a preservação do meio ambiente. A conscientização ocorre com a realização de palestras, reuniões, peças teatrais e, quando possível, vídeos.

Na saúde, contamos com alguns agentes de saúde para o auxílio de socorro, um pouco diferente da realidade de antigamente, pois os tratamentos de doenças eram feitos com remédios produzidos, exclusivamente, das plantas medicinais. Caso as doenças não fossem curadas na comunidade, contávamos com a solidariedade

de algumas pessoas para transportar o paciente, em redes, por quilômetros de distância, até chegar à rodovia, na expectativa de ser hospitalizado e recuperar a saúde.

A comunidade, desde tempos remotos, tenta evoluir preservando seus valores e identidades. Esse conhecimento se desenvolve a partir da necessidade da comunidade, daquelas mulheres sofridas que não tinham oportunidade de estudar, muito menos de ir à cidade. Seus pais não as deixavam frequentar a escola por receio que elas perdessem a virgindade. Então, elas imaginaram que tinham de aprender e praticar alguma coisa como saberes. Fruto dessa história, essas quatro Parteiras, cujas memórias estão sendo registradas neste trabalho, não sabem ler e nem escrever, sequer assinam o próprio nome.

A comunidade Vão de Almas sempre foi isolada e de difícil acesso. Quando adoeciam, as pessoas eram tratadas com remédios dali mesmo. As mulheres, quando estavam prestes a ter bebê, procuravam as Parteiras da comunidade, pois, como não havia estrada (rodagem), elas não tinham a oportunidade de ir à cidade.

Até hoje, não tem um posto de saúde, em boas condições, para atender à comunidade. Quando necessitamos de atendimento médico, precisamos nos deslocar para a cidade. Atualmente, percebemos várias mudanças na comunidade. A estrada (rodagem), por exemplo, apesar de não ser muito boa, melhorou bastante, pois possibilita-nos sair com alguém doente, com mulheres gestantes, ou mesmo viajar, por necessidades próprias.

## 2.2. AS PARTEIRAS KALUNGAS DO VÃO DE ALMAS

As Parteiras do território Kalunga, desde sua infância, viveram do serviço braçal para o sustento da família e para sua própria sobrevivência. Os alimentos eram todos colhidos da roça, nenhum tipo de alimentação ou de remédio vinha da cidade, eram todos naturais. Todas essas Parteiras têm conhecimentos, elas já realizaram partos ou ajudaram outras mulheres no trabalho do parto. Essas mulheres eram atendidas pelas Parteiras, que se dedicavam a esses saberes e ajudavam a salvar vidas das mães e dos filhos. Antigamente, como a comunidade era bem isolada, todas as mulheres ganhavam seus filhos na comunidade, ninguém conhecia a cidade e nenhuma criança tomava vacina.

Foto 1 - Dona Tereza (64 anos) e Dona Jandira (86 anos), Parteiras do Vão de Almas.



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2015.

Hoje, na comunidade, não há mais o fato de mulheres ganharem seus filhos na localidade, pois é proibido. Entende-se que é certo as mulheres terem seus filhos em um lugar tão isolado, como o Vão de Almas. Se existem os médicos, eles devem ter a função de ajudar a superar as necessidades das pessoas, e a realização dos partos é uma dessas atividades. As Parteiras confessam que elas têm medo de fazer parto, porque antigamente tinham muitas Parteiras que entendiam do assunto, e hoje isso acabou, agora, contam somente a graças de Deus. Então, o certo é ir para cidade e procurar ajuda dos médicos, pois eles são mais preparados. Diante disso, esse conhecimento não está mais sendo muito praticado, pois as grávidas são orientadas, pelas mulheres mais velhas, já que elas não têm como prever se o parto será normal ou se necessitará de uma cesárea, a ir para a cidade quando se aproximar a data de ter seus filhos.

As Parteiras têm um vínculo muito forte com os conhecimentos, elas têm uma sabedoria imensa, porque para lidar com um momento tão delicado como esse, é necessário possuir bastante sabedoria e coragem.

### **Dona Eva, Dona Jandira e Dona Tereza**

Eva Faria da Conceição, de 66 anos, foi nascida e criada na comunidade kalunga Vão de Almas e sempre viveu na roça. É mais conhecida por Dona Eva. Ela relembra quando começou a fazer parto: “Comecei a fazer parto com 20 anos. Essa experiência adquiri primeiramente com Deus e o meu pai e as Parteiras que vinha fazer os meus partos”.

Dona Eva conta que teve quatorze filhos, todos na comunidade. Desde a sua infância, ela teve uma vida bastante difícil. Sem jamais ter a oportunidade de estudar, criou todos seus filhos na zona rural, onde plantavam roças de toco para sobrevivência de seus filhos. Parteira, Dona Eva realizou duzentos e oitenta e oito (288) partos, que ela se lembra, sem nenhum tipo de recurso. Ela sempre era a parteira mais procurada da comunidade.

Mesmo com recurso, ainda há mulheres que erram da data certa para dar a luz. Agora, esse ano de dois mil e quinze (2015), realizei um parto de senhora que estava indo par cidade e acabou sentindo dor na beira do rio e foi para a casa da vizinha, e mandou me chamar, mas eu nunca vi parto tão complicado igual esse. Lembro também de uma senhora que deu à luz na beira do rio Branco, a caminho da cidade. Por isso, a mulher precisa saber lidar com um momento tão delicado, como é o nascimento (DONA EVA).

Quando Ela olha para uma mulher grávida, sabe se será possível ou não ter um parto normal. Além, sabe também de acordo com a lua, quando a mulher vai ganhar nenê ou se vai ser homem ou mulher.

Para fortalecer seu conhecimento como parteira, Dona Eva já participou de alguns cursos sobre gravidez e parto. Embora afirme ter passado por muitas dificuldades, ela observa:

Nunca perdi minha alegria, nem minha generosidade, procuro ficar calma com bom senso e humor. Eu, como parteira, adora falar sobre isso, pois ter esse conhecimento é muito importante para mim, principalmente numa realidade como a do Vão de Almas, em que a cidade mais próxima com hospital é Cavalcante. Parece que eu já nasci pra salvar vidas de mães e bebês, quando eu ia ganhar meus filhos, aí eu ficava olhando como que faziam, por isso comecei a realizar partos de outras mulheres. Esse saber foi adquirido a partir da minha própria experiência, porém, esse saber é um dom recebido por Deus, que já nasci com ele. Sinto-me tão alegre quando estou falando de meus saberes, porque sei que já fiz e faço coisas para agradar a Deus. Mesmo lutando pra criar meus filhos, mas nunca

deixei de atender às mulheres quando me procura, pois eu sei que elas me chamam porque confia em Deus e em mim (DONA EVA).

Oração relatada por Dona Eva para ajudar a mulher quando estiver demorando a ganhar o bebê. A oração deve ser rezada no momento em que a parteira chega à casa da mulher.

Na madrugada serena levantou Bartolomeu ele vestiu e calçou, seu bastão ele pegou pra ir à porta do céu vê Deus e nossa senhora, Bartolomeu que vem vê, vim em busca de vós não irei mais vos dei meu condão na casa que vós tiverdes, não morre mulher de parto nem menino de abafo nem de gota escorada, nem casa queimada ave Maria cheia de graça (Dona Eva).

Jandira dos Santos Rosa, conhecida como Dona Jandira, teve dois filhos, sendo um já falecido. Ela relata: “Não sei quantos anos eu tenho, só sei a era, sou de 1929 e estou com 86 anos, já fiz dois partos sozinha”. A entrevistada não identificou o mês em que nasceu:

sempre eu só fazia ajudar as outras parteira. Casei com 21 anos. Trabalhei na roça a vida inteira, fui garimpeira, fazia viagem da comunidade até a cidade, no lombo de burros, graças aos meus irmãos mais velhos que estavam presente quando eu precisava (DONA JANDIRA).

Sobre os partos ela relata:

Depois de sete anos eu dei para ajudar tia Maria, tia Teodora (falecidas) e Altina. O primeiro parto que eu peguei foi de Leonida, e o segundo parto foi de Altina, quase chorando, mais fiz. Peguei uma pedra, pus no seio dela, enquanto as Parteiras mais sabida chegava, mas não adiantou, tive que enfrentar sozinha, porque sempre eu só ajudei segurar, arrumar remédio pra dor esquentar, como chá de cravo, canela, molho de cebola, lavar a barriga com água morna com sal, passar azeite morno na barriga. (DONA JANDIRA).

Ela comenta sobre as condições dos partos, observando que:

O “imbigo” (cordão umbilical) era cortado com gilete, mais primeiro tinha de ferver a gilete, aí cortava e amarrava com cordão, colocava o garfo no fogo para queimar o umbigo pra estancar (parar) o sangue. Em volta do umbigo amarrava com uma tira de pano vermelha e colocava azeite de mamona, duas ou três vezes ao dia, pra não secar. Quanto mais colocava azeite, mas o imbigo (umbigo) caía logo. Antigamente, os mais velhos diziam qui (que) tinha de por semente de fumo, arroz, embaixo da cama, e durante sete noites

dormir com a candeia (lâmparina) acesa, senão a bruxa vinha e carregava o neném (DONA JANDIRA).

Ela lembra que, no resguardo, como anti-inflamatório, as mulheres tinham de tomar banho com remédio caseiro e casca de caju, mamuda (planta nativa da comunidade), quina, manjeriço, negramina. Ela orienta como fazer: “pegue todas as cascas ou folhas, coloque para ferver, deixe esfriar e adicione uma pitada de sal ou alcanfor, e tome o banho da cintura para baixo”.

Para beber era riscado de fogão, cavaca (cava) dentro do fogão, coloca na água, com alcanfor, e tome, e sumo de algodão com sal. Para o neném é azeite com sumo de algodão, por causa do pigarro. Quando a mãe do corpo (placenta) demora de sair, a parteira tem de molhar a mão no azeite e tirar com a mão (DONA JANDIRA).

Sobre as rezas e simpatias ela lembra:

Quando ganha o neném e demora arrumar aí reza assim: ‘Santa margarida não está prenha, nem tô parida, tô de parto pra parir’. (Repete três vezes). Faz simpatia também com o chapéu e a camisa do pai as veste o pai rodeia a casa e procura Maria se já pariu não to de parto pra parir (Repete três vezes). Entra, tira a camisa, as veste, e veste a mulher, e o chapéu também, as veste e põem na cabeça da mulher (DONA JANDIRA).

Sobre o conhecimento e dificuldades dos partos ela relata:

Naquele tempo tinha muita mulher entendida, hoje não tem mais, graças a Deus que hoje tem doutor, foi uma benção. Hoje se dizer assim: ‘uma mulher deu dor’ eu não digo que ajudo, mas sozinha não. Tô com as vistas ruins, a melhor coisa é ir embora logo pra cidade, porque ninguém sabe que tipo vai ser o parto (DONA JANDIRA).

Dona Tereza da Cunha viveu a mesma situação das outras Parteiras. Trabalhou a vida toda na roça, desde sua infância, no garimpo, andava em lombo de burros. Nasceu em 1951 e tem 64 anos. Ela diz: “Aí você faz a soma, porque eu não sei contar.” Sobre os partos relata:

Eu comecei assim: minha mãe era parteira, aí quando ela ia, aí ela me levava. Com 18 anos que eu comecei, mas toda vida eu tinha coragem, eu sempre empanada nela. Tinha vez que puizia (colocava) eu pra pegar, mas falava: ‘quem pegou foi Rufina’. Mas, sempre consegui aprender com ela, eu tinha coragem. Aí ela faltou: ‘eu

consegui ficar pegando'. Só coragem (risos), porque saber eu não tenho, mas Deus e nossa senhora do parto. Eu tenho os nomes dos meninos que eu já peguei. Entre os partos que eu encontrei dificuldades foram três mulheres, era difícil, mas eu pegava com Deus e Nossa Senhora, e conseguia. As dificuldades encontradas é como ocês (vocês) vê aí. Mulher hoje não está confiando, e nem é de Deus deixar. Hoje, em visto do que era, hoje tem carro. Se, às vezes, a mulher não está dando conta, pode sair pra cidade, mais, de primeiro, as mulher sofria, tanto como sofria as parteira como a mulher. Só pedia Deus e Nossa Senhora pra dar uma boa hora. Naquele tempo não tinha negócio de tá caminhando pro hospital, fazendo pré-natal. Fazia remédio caseiro de banho e, também, pra tomar. Ninguém sabia o que era pré-natal. Era remédio do mato para banho durante a gravidez, era nicuri, esse ocês (você) conhece bem, como pra beber, também, vassourinha. Bem cedinho, antes de conversar com ninguém, tira o sumo e bebe, quando a mulher ganho menino, já vem com tudo, até o companheiro. Comer na panela ou arroz pregado faz mal, mas hoje é assim: se você fala 'a fulano sabe de tudo', mais é assim. Se a gente fala: 'ficar em pé na porta, o menino vai pra nascer, volta; tem de sair ou entrar'. Tudo isso, por isso que as Parteiras tomou medo, mas as meninas nova, de hoje, não escuta mas o que fala. Resfriado né, que pega na barriga, fica difícil até na hora de fazer o parto. A primeira coisa, quando as Parteiras chegavam, era fazer o banho, arrumava uma panela grande, cozinhava, banhava da cintura pra baixo. Aí esquentou mais um pouco, não? Faz um molho pra ela, de pimenta do reino, cebola, coentro, era logo. Se tivesse fraca, sem força, faz um ovinho bem mole, põe canela e pimenta do reino. Era vomitando, e tinha de beber, era logo a dor esquentava. Aí, as mais velhas tomou medo, eu mesmo hum, tem uma filha engravidou 'vamos embora pra cidade, eu não vou pegar menino mais não'. Hoje, se acontecer alguma coisa, culpada é quem fazem o parto. Igual, eu fiquei sem minha filha, ficou a culpa que foi eu que não deixei sair, pois a menina chorava de boca alta que não queria sair, que dessa ela não escapava, o pai dela disse: 'agradeço de ficar sem minha filha ocê que não deixou sair', aí saiu. Mas, quando chegou à beira do rio, ela faltou. Chega me dói dentro quando me lembro dessa palavra dele, saiu, não conhecia mais ninguém. E ela teve a Amanda, ganho ela lá, só eu e Domingas. Eu segurei e dominga pegou, quando os povos assustaram já foi com os foguetes, não precisou nada, nem chamar ninguém. Mais pra deixar a mulher sozinha eu pego, é pego, mas dizer que fica lá gestante 'confiado ni mim', igual ficava, se dar dor, sem carro, sem jeito, aí eu pego, mas pra dizer que confia ni mim, não. Marilena sempre me ajudou, o pouquinho que ela sabe foi apreendido comigo. Já o umbigo, corta assim: mede dois dedos, corta e amarra com pavio de algodão, aí pega um garfo, põe no fogo, de primeiro cortava com faca ou tesoura, hoje já tem lâmina, quando o garfo estiver vermelho aí senta em cima, até secar o sangue. Mas o menino não sente dor nenhuma, que ele esta amarrado. O menino nem chora. Depois de queimado, faz a camisinha de enrolar. Aí, enquanto esse umbigo não cai, à gente não pega nada nem o garfo, nem a faca. Aí, pra sarar ligeiro, põe pó de quina, pó de folha de algodão, alcanfor. O umbigo, quando cai, é guardado. O umbigo que eu trato dele é três dia pra cair. Hoje, quando pare, o que fala companheiro (placenta) é enterrado: pega uma garrafa de pinga e dá

pra soprar, aí vem a força, porque quando demora de arrumar a dor passa. Enquanto a dor não vem não termina de arrumar. No mais, é sumo de erva Cidreira. Se tiver mamona, esquenta e coloca na escadeira. Eu me sinto feliz, graças a Deus, só uma tá mãe com filho me trata bem, não tem reparo com ninguém, esses filhos chamam as Parteiras de mãe. Então, hoje eu sou mãe de muitos filhos, cada homão aí: 'bênção, mãe Tereza senhora da abadia (risos), daí e as mães que põem pra chamar (DONA TEREZA).

Foto 2 - Dona Eva Farias da Conceição, 66 anos, Parteira da comunidade Kalunga



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2015.

Hoje, essas três Parteiras corajosas estão aposentadas por idade, e sobrevivem da aposentadoria. Algumas ainda plantam mandioca, que ajuda no sustento. Esse conhecimento está sendo um pouco deixado, pois as gestantes são incentivadas a procurar a unidade de saúde mais próxima do município, o quanto antes, por ser melhor para o seu parto. Mas, ainda há casos de mulheres errarem a data certa e precisarem dessas mulheres corajosas. Como afirma Dona Eva, que fez um parto em janeiro de 2015, no dia em que a gestante estava indo para a cidade.

Portanto, esse conhecimento precisa ser valorizado, pois essas Parteiras dedicaram-se a esse saber, fruto de sabedoria, que está sendo passado de geração para geração, de mãe para filha. Elas têm coragem de enfrentar um momento tão delicado como esse, que é a realização de partos. Desse modo, ajudam às pessoas e salvam vidas de mãe e filho. Devemos valorizá-las, porque na comunidade não existia e não existe, até hoje, hospital. Então, as Parteiras são muito relevantes, pois estavam ali, presentes, em todas as vezes que alguém precisou.

Durante a pesquisa, com as Parteiras da comunidade, foi possível perceber o sofrimento que elas já enfrentaram para salvar vidas de mães e bebês; saíam de suas casas com chuva e atravessavam rio cheio, como afirma Dona Eva.

Dona Eva Farias da Conceição relata, também, que, durante o seu resguardo, ela ralava mandioca para fazer beiju para alimentação, pois, não tinha outras comidas. Saía para o mato para pegar coco e tirar o leite, ou o óleo, para temperar o feijão. Outras vezes, era obrigada a pescar, tomando chuva, com um menino nas costas, para dar comida às outras crianças mais velhas.

É comum, no Vão de Almas, os mais novos chamarem as Parteiras de “mãe”, principalmente quando foram elas que fizeram o parto. As mães dizem que quando a parteira teve muito trabalho durante o parto, você deve muito respeito a elas.

As Parteiras também fazem benzimentos, orações e promessas, ao santo de devoção, para que os partos sejam rápidos e tranquilos. Durante o parto, a parteira utiliza diversos materiais, como garfos, sem uso e gilete para cortar o cordão umbilical. Em seguida, fazem curativo com azeite de mamona e pó da casca de quina, extraído da própria região, para o umbigo sarar mais rápido. Para o intestino do recém-nascido, às Parteiras recomendam tirar sumo da folha de algodão e colocar junto com azeite e dar para o bebê tomar. Após o parto, recomendam banhos com ervas, para diminuir o sangramento. Para que o útero volte ao normal, é necessário que a mãe tome banho em água morna e use chá caseiro, beba somente água morna e, durante quinze dias, nada de suco ou água fria.

O banho é de acordo com a necessidade de cada mulher. Quando o parto é demorado utilizam banho morno com plantas medicinais, como negra-mina, quina, mentraz, carrapicho, barbatimão, mamuda. Depois do parto, podem usar essas mesmas ervas como anti-inflamatório.

Em relação às comidas, as Parteiras recomendam que seja à base de farinha, deve-se evitar frituras, comidas e frutas “remosas” como costela, fígado, e alguns

tipos de peixes, melancia, abóbora, inhame, batata doce, manga, entre outros, para não dar cólicas no bebê e nem na mãe.

O tinguizeiro e o pequizeiro são espécies de planta que representam a biodiversidade do Cerrado. Nas comunidades tradicionais, como o Vão de Almas, os frutos são colhidos e usados na fabricação de sabão para uso geral. No pós-parto, é indicado para banhar o bebê, quando apresentam “bestuejas” (brotoejas) no corpo, e para lavar as roupas. Para a criança ser saudável, recomenda banho com ervas medicinais, por exemplo, erva de bicho, aroeirinha, alfavaca, manjeriço, chioiô, capim-lobo, murici rasteiro, que são usados contra gripe e resfriado. Os chás de poejo, “oiô” (olho) de goiaba branca, folha da erva cidreira, raiz de carrapicho barra de saia, imburana, cebola branca ou cebola da horta, ou até mesmo benzimentos, deixam a criança livre da cólica.

Antigamente, os partos eram realizados na comunidade e era possível identificar casos de óbitos de mulheres e bebês na região, especialmente por causa do difícil acesso a transporte e limitação nos cuidados de saúde. Hoje, com mais facilidade, as mulheres estão preferindo ganhar seus filhos na cidade.

Por isso, observa-se, na comunidade, uma perda dos saberes e fazeres sobre os partos. Muitos motivos são identificados para essas perdas, por exemplo, as Parteiras não repassam mais esse conhecimento para as atuais gerações e a dificuldade de acesso e de condições para sobreviver no local, bem como a falta de saúde e educação, estão levando muitos jovens a saírem da comunidade. Os jovens vão embora para as capitais em busca de melhorias de vida, e os que permanecem na comunidade não dão continuidade a esses saberes.

Fleischer (2007) ressalta que conhecer de perto o trabalho de parto de Parteiras significa extrapolar os limites fisiológicos do parto e da saúde reprodutiva. Sua atuação começa bem antes da mulher engravidar e termina dias depois do bebê ser expulso. Assim, adoto a ideia de “saúde” de modo bastante ampliado e complexo. No Brasil, muito já se detalhou sobre o trabalho das Parteiras, sobretudo, durante o parto.

Geralmente, quando o trabalho de parto se inicia, as mulheres chamam as suas parteiras. Chegando lá, a Parteira, provavelmente, perguntara se houve o sinal de parto, se a dianteira arrebentou e se as dores estão muito intensas.

Ao longo do trabalho de parto, passar as mãos pelo ventre da moça não serve apenas para sentir a intensidade das contrações e a localização do feto, mas,

sobretudo, para aplacar a eventual insegurança da parturiente. Novamente, a parteira é convocada a significar esse conjunto de sensações e eventos, muitas vezes, desconhecidos, simultâneos e inesperados.

Além de aliviar eventuais dores, a gestante é puxada para que a parteira se certifique de quatro aspectos centrais: a posição e o sexo do feto, a data do parto e a possibilidade de parir em casa. Primeiro, puxa-se uma barriga para saber se o bebê está na posição cefálica que facilita o parto vaginal. Caso contrário, é preciso endireitar e acostumar o feto, durante toda a gravidez, a permanecer neste lugar certo. Na literatura, essa tarefa é uma das que mais se espera das Parteiras (e. g .Cosminsky,1977 :311-12; Castañeda-Camey ET. AL 1996:205,( SESIA).

### **CAPÍTULO III**

#### **3.0 O CONHECIMENTO TRADICIONAL DAS PARTEIRAS NA ESCOLA DO CAMPO DO VÃO DE ALMAS**

##### **3.1 A ESCOLA MUNICIPAL/ESTADUAL SANTO ANTÔNIO**

A Escola está localizada na comunidade Kalunga Vão de Almas, cercada por montanhas e árvores frutíferas. Foi criada em 1996, devido às dificuldades que enfrentavam com a educação. A professora era Maria Pereira dos santos, moradora na comunidade, percebeu que precisaria de outra escola, pois as outras que existiam eram distantes, e a caminhada, para chegar até lá, era longa. Então, os se reuniram e discutiram a possibilidade de criação de uma nova escola. Então, essa professora tomou as providências e conseguiu. A escola, que funcionava em sua na própria casa, atende, atualmente, a grande parte dos alunos da comunidade. Antigamente, essa escola só atendia da 1º a 4º do Ensino Fundamental e funcionava em barracão de palha, feito por pais de alunos e por alunos, apesar de o atendimento ser somente pela manhã.

A partir de 2003 foi construído um colégio, que tinha somente uma sala, uma cantina e uma biblioteca. Essa mesma passou a ser Estadual, com atendimento no período vespertino, funcionando da 5º série até a 8º série do Ensino Fundamental, mas, continuava com o barracão de palha. Posteriormente, nessa escola, foi construído um colégio que possui quatro salas de aula, dois banheiros e uma área e atende tanto aos alunos do Estado quanto aos do município. À tarde funciona pelo Estado e atende do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamenta. No 6º ano estão matriculados dezesseis alunos; o 7º ano possui treze alunos; o 8º ano é formado por seis alunos; e, o 9º ano conta com sete alunos, juntos, totalizam 42 alunos. Na escola, trabalham, por parte do Estado, quatro professores, sendo dois homens e três mulheres, uma merendeira e um faxineiro. O município atende a um total de 56 (cinquenta e seis) alunos, e tem no seu quadro duas merendeiras e uma faxineira.

Atualmente, essa mesma escola recebeu um micro-ônibus velho, que um dia está funcionando e no outro está quebrado, para transportar os alunos, nos dois turnos. Entretanto, o transporte é somente de um lado do rio, do outro lado as

crianças continuam andando a pé. Ainda que diminua a distância, mas não resolve, pois todas as crianças têm direito a condições dignas para estudar.

O conhecimento e os saberes das Parteiras estão sendo raros, até mesmo por que as mulheres atualmente estão saindo para ganharem seus filhos na cidade, pois a comunidade não apresenta condições de realização de parto, portanto, continuamos deslocando da comunidade.

Os alunos da Escola Estadual Kalunga I não conhecem os saberes e os conhecimentos que circulam na comunidade, por isso, pretendo dar continuidade nesses conhecimentos, fortalecendo-os e valorizando-os. No entanto, as Escolas da comunidade não trabalham a realidade dos sujeitos, pois a matriz curricular é imposta diretamente pela Secretaria de Educação. Então, ou os professores seguem esses conteúdos ou são demitidos.

Nesta mesma Escola já foram desenvolvidas oficinas e trabalhos, mas nem sempre foi possível realizá-las, somente depois de nos tornamos educandas da LEdoC é que surgiram essas oportunidades.

No período de 11 a 13 de maio de 2015, realizamos uma oficina interdisciplinar, com o tema *Parto: mulher Kalunga*, juntamente com a professora Roberta Ribeiro, que pesquisa esse tema na comunidade. Ela nos convidou para a oficina, pois, além de tratar do meu tema, era a oportunidade de desenvolvermos, em conjunto, uma atividade do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, que, posteriormente, seria registrada por meio de relatórios para esse Programa.

Nessa oficina, envolvemos a comunidade para falar sobre parto e os conhecimentos e saberes dos seus antepassados. Elas registraram como era antes, e como é agora, ensinaram sobre os usos de ervas medicinais para evitar aborto e os cuidados antes e depois do parto. Dona Dainda, outra parteira de referência da comunidade, nascida e criada no Vão de Almas, relata, por meio de uma receita, como fazer a prevenção de aborto:

3 tiras de pano vermelho; 1 pitada de terra de formigueiro (lugar onde as formigas solta terra para fora do buraco); 1 pitada de sal; 3 olho de caju(oiô); 1\2 copo de água. Coloque para ferver e deixe esfriar, e tome em seguida.

A partir do momento que decidimos realizarem esta oficina na Escola, percebemos que os educandos não conhecem a realidade local, nem mesmo dentro do ambiente escolar, pois, não é ensinada a realidade da comunidade, embora ela seja parte da vida dos educandos.

Na Escola, os conhecimentos e saberes ainda parecem frágeis, os educandos não conhecem os conhecimentos nem os saberes da região Kalunga, porém alguns deles afirmaram que nasceram na comunidade, mas não sabem relatar nenhuma experiência, dizem que as mães nunca falaram sobre isso.

A comunidade ainda apresenta algumas potencialidades, como os sujeitos, os benzimentos e as simpatias em parto demorado. Só quando as gestantes erram das datas previstas do parto, por acidente, os partos realizados na comunidade.

Foto 3 - Alunos do 9º ano da Escola Municipal Santo Antônio.



Foto: Romes dos Santos Rosa, 2015.

Na nossa concepção, esses conhecimentos tradicionais apresentam uma relação fortíssima com a Educação do campo. Os professores buscam relacionar os conteúdos com a realidade dos sujeitos e com sua vida cotidiana, dentro do processo educativo, com o empenho de formar protagonistas do campo.

Na escola, questões sobre a valorização e fortalecimento de nossos saberes e conhecimentos mostram-se bem fragilizadas, pois, a escola deixa a realidade dos sujeitos e segue a matriz imposta pela Secretaria Estadual de Educação.

Caldart (2002, p. 260) ressalta que a realidade que produz a Educação do Campo é enfrentar a luta por políticas públicas que garantem aos trabalhadores do campo o direito à educação, especialmente à escola, e uma educação que seja no e do campo. O Estado não pode negar o princípio (republicano) da universalização do direito a educação, a Educação do Campo, que deve retornar á agenda do Estado.

A Educação do Campo vem sendo disponibilizada a todas as pessoas, principalmente aos sujeitos do campo que lutam pelo acesso à educação pública na necessária apropriação e produção do conhecimento. Portanto, a escola tem sido o objeto central das lutas e reflexões pedagógicas da Educação do Campo, representando um desafio de formação dos trabalhadores, como mediação fundamental. Hoje, na apropriação do conhecimento com suas relações sociais perversas que sua ausência no campo reflete e sua conquista confronta.

A Educação do Campo, atualmente, procura nos ensina a fortalecer e valorizar nossas culturas, tanto nos conteúdos como nas místicas, nos seminários, nos registro de memórias, no fortalecimento da história do território, e até mesmo em outras atividades de Tempo Comunidade. Portanto, a Educação do Campo nos incentiva a valorizar e continuar as nossas culturas camponesas locais.

Conforme observa Caldart (2012, p. 257):

A Educação do Campo é a forma de interpretar a realidade brasileira atual, visando à organização dos trabalhadores do campo, sobre a política pública de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. O protagonismo dos movimentos sociais no batismo originário da Educação do Campo nos ajuda a puxar o fio de alguns nexos estruturantes desta “experiência” e, portanto, nos ajuda na compreensão do que essencialmente ela é e na “consciência de mudança” que assinala e projeta para além dela mesma”.

É como conceito em construção que a Educação do Campo, sem se deslocar do movimento específico da realidade que a produziu, já pode configurar-se como uma categoria de análise da situação ou de práticas e políticas de educação dos trabalhadores do campo, mesmo as que se desenvolvem em outras denominações. E, como análise, e também compreensão da realidade por vir, a partir de

possibilidades ainda desenvolvidas historicamente, mas indicadas por seus sujeitos ou pelas transformações em curso em algumas práticas educativas concretas e na forma de construir políticas de educação (CALDART 2012).

E o modo de fazer a luta pela escola tem desafiado os camponeses a ocupá-la também nessa perspectiva, como sujeitos, humanos, sociais, coletivos, com a vida real e por inteiro, trazendo as contradições sociais, as potencialidades e os conflitos humanos para dentro do processo pedagógico, requerendo uma concepção de conhecimento e de estudo que trabalhe com essa vida concreta. Isso tem exigido e permitido transformações na forma da escola, cuja função social originária prevê apartar os educandos da vida, muito mais do que fazer da vida seu princípio educativo. Acontecem hoje no âmbito da Educação do Campo experimentos pedagógicos importantes na direção de uma escola mais próxima dos desafios de construção da sociedade dos trabalhadores (CALDART 2012, p. 263)

O objetivo desses sujeitos remete às questões de trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais. Temos uma preocupação prioritária com a escolarização da população do campo. Mas, para nós, a educação compreende todos os processos sociais de formação das pessoas como sujeitos de seu próprio destino. Nesse sentido, educação tem relação com cultura, com valores, com jeito de produzir, com formação para o trabalho e para a participação social (KOLLING; CERIOI e CALDART, 2012, p. 258).

Utilizar-se-á a expressão *campo*, e não a mais usual, *meio rural*, com o objetivo de incluir no processo da conferência uma reflexão sobre o sentido atual do *trabalho camponês* e das lutas sociais e culturais dos grupos que hoje tentam garantir a sobrevivência desse trabalho. Mas, quando se discutir a educação do campo, se estará tratando da educação que se volta ao conjunto dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo, sejam os camponeses, incluindo os quilombolas, sejam as nações indígenas, sejam os diversos tipos de assalariados vinculados à vida e ao trabalho no meio rural (KOLLING, NERY e MOLINA, 1999, *apud* CALDART, 2012, p. 258).

Na Escola do Vão de Almas é preciso utilizar algumas formas da LEdoC, como a coletividade, auto-organização dos alunos, dos professores, da comunidade, interação escola e comunidade, solidariedade, e a abordagem da realidade dos sujeitos do campo.

### **Relatos dos Estudantes**

Meu nome é Cristiane, tenho 16 anos e estou cursando o 9º ano do Ensino Fundamental. Fui nascida e, atualmente, permaneço na comunidade Kalunga Vão de Almas, junto com meus pais e meus irmãos mais novos, ajudo a lidar da roça, na época do plantio. O parto da minha mãe, durante quando me ganhou, foi realizado pelas próprias Parteiras da comunidade, não sei o nome dela, pois a minha mãe nunca me disse quem foi. Atualmente, conheço dez Parteiras, e essas têm um longo conhecimento sobre os saberes, benzimentos que ajude contra alguns mal estar de crianças ou de adulto mesmo, e quando a mulher está com dificuldade no parto. Hoje, os mais praticados são os benzimentos e as simpatias, porém, as pessoas têm muito respeito quanto eles, e valorizam para que possam continuar fortalecendo e praticando, quando preciso. No meu ponto de vista, gostaria que eles continuassem, pois, já salvou muitas vidas, e que pudessem ensinar para outras pessoas para continuar presente e ajudando às mulheres com necessidade.

Meu nome é Helder, tenho 17 anos, nascido e criado na comunidade. Moro, atualmente, com minha tia e pratico as formas de trabalhar com ela, pois a minha mãe não se encontra em vida, mais sim em espírito. O parto da minha mãe foi realizado por a minha avó Amança. Conheço sete Parteiras, e essas falam muito dos benzimentos, dos remédios caseiros, e dos que são muito usados pelas pessoas da comunidade. E creio que eles devem permanecer presentes, pois, já ajudaram e, com certeza, vai servira para as outras pessoas. No entanto, se eles fossem repassados seria bom, porque quem não sabem apreendem. A comunidade enxerga, com o interesse de valorizarem e fortalecerem os conhecimentos e saberes passando de um para o outro, com o intuito de continuarem presentes, mais eu somente já ouvi falar, mas, nunca aprendi nenhum.

Meu nome é Éber Francisco da Cunha, nasci em Cavalcante, foram as enfermeiras que ajudaram a minha mãe durante o parto, atualmente conheço três Parteiras, e os conhecimentos mais praticados são as rezas, os benzimentos, contra zói quando estamos com algum ferimento, as

simpatias. Com uma grande presença, onde todos valorizam, porque eles são muito importantes para as pessoas da região. No meu ponto de vista, esses conhecimentos poderiam ser repassados para outras pessoas, porque, com certeza, já serviu e servirá novamente. A comunidade em si crê, em continuarem fortalecendo esses conhecimentos e saberes. As pessoas valorizam, pois foi uma aprendizagem dos seus antepassados, eles não podem deixar acabar.

Meu nome é Josiana Cunha dos Santos, tenho 16 anos, estou cursando o 9º ano do Ensino Fundamental, nascida e criada na comunidade, mais, infelizmente, nunca passei, a saber, quem realizou o parto da minha mãe. Conheço dez Parteiras. Na comunidade ainda existem vários saberes, entre eles os benzimentos e as rezas, e também são os mais praticados e bem presentes na comunidade. No entanto, gostaria que esses permanecessem preservados e repassados para ajudar outras pessoas, precisamos que a comunidade fortaleça e valorize os saberes porque todos que moram aqui necessitam deles.

### **Atividades relatadas**

#### **Aluno nº 1**

1. Qual é seu nome? Onde nasceu?

R: Meu nome é Cristiane Fernandes Pereira. Nasci na comunidade Kalunga Vão das Almas.

2. Se o seu nascimento foi na comunidade, sabe quem realizou o parto?

R: Foram as próprias Parteiras da comunidade mesmo, mas não sei o nome.

3. Quantas Parteiras vocês conhecem na comunidade?

R: Na comunidade existem mais ou menos 10 Parteiras.

4. Quais os conhecimentos (saberes) que existe na comunidade?

R: Existe vários benzimentos como; contra cólica em crianças, contra dor de dente, e quando a mulher esta demorando ganhar neném.

5. Quais saberes são mais praticados? Como é a presença desses saberes na comunidade?

R: São os benzimentos e as simpatias. As pessoas valorizam bastante por que sempre um precisa.

7. Você gostaria que esses saberes permanecessem na comunidade?

R: Sim, porque já salvou vidas de muitas pessoas, daqui mesmo.

8. Gostaria que esse conhecimento das Parteiras fosse repassado? Por quê?

R: Sim. Por que servem para algumas mulheres que da dor e não dá tempo chegar na cidade

9. Como a comunidade olha esses conhecimentos?

R: Olha tranquilamente, na esperança que eles vão melhorando.

10. Esses conhecimentos são valorizados pelas pessoas da própria comunidade? Justifique?

R: Sim esses conhecimentos são bastante valorizados pelas pessoas da mesma comunidade.

11. Escreva um ou dois benzimentos que você conhece ou já ouviu alguém falar.

R: Eu não conheço nem um benzimento e nem nunca ouvi minha mãe falar.

## **Aluno nº 2**

1. Qual é seu nome? Onde você nasceu?

R: Meu nome é Helder. Na comunidade Kalunga Vão de Almas.

2. Se o seu nascimento foi na comunidade, sabe quem realizou o parto?

R: Feito pela parteira Dona Amança.

3. Quantas Parteiras vocês conhecem na comunidade?

R: Eu conheço somente sete Parteiras.

4. Quais os conhecimentos (saberes) que existe na comunidade?

R: Que tem mais presença são os benzimentos, as Parteiras e os remédios caseiros.

5. Quais saberes são mais praticados? Como é a presença desses saberes na comunidade?

R: Os benzimentos que existe são contra dor de cabeça, contra espinha de peixe na garganta.

6. Você gostaria que esses saberes permanecessem na comunidade?

R: Sim, pois já salvou vidas de muitas pessoas.

7. Gostaria que esse conhecimento das Parteiras fosse repassado? Por quê?

R: Sim porque as pessoas que não sabe apreendem.

8. Como a comunidade olha esses conhecimentos?

R: Olha dando uma valorização, pois vieram dos seus antepassados.

9. Esses conhecimentos são valorizados pelas pessoas da própria comunidade? Justifique?

R: Sim. Porque alguns benzimentos são ensinados um para o outro.

10. Escreva um ou dois benzimentos que você conhece ou já ouviu alguém falar.

R: Só já ouvi falar que tem mais não sei rezar nem um.

### **Aluno nº 3**

1. Qual é seu nome? Onde você nasceu?

R: Éber Francisco da Cunha. Nasci em Cavalcante.

2. Se o seu nascimento foi na comunidade, sabe quem realizou o parto?

R: Foi à enfermeira.

3. Quantas Parteiras vocês conhecem na comunidade?

R: Eu conheço três.

3. Quais os conhecimentos (saberes) que existe na comunidade?

R: Os conhecimentos são as rezas, e os benzimentos contra dor de cabeça e contra zói quando temos algum ferimento.

5. Quais saberes são mais praticados? Como é a presença desses saberes na comunidade?

R: São as rezas, os benzimento, as simpatias. Apresenta de forma legal, onde todos valorizam.

6. Você gostaria que esses saberes permanecessem na comunidade?

R: Sim. Por que é muito importante para as pessoas da comunidade.

7. Gostaria que esse conhecimento das Parteiras fosse repassado? Por quê?

R: Sim por que já ajudou bastante a comunidade e com certeza servirá novamente.

8. Como a comunidade olha esses conhecimentos?

R: Olha com esperança de continuar e fortalecer os conhecimentos da comunidade.

9. Esses conhecimentos são valorizados pelas pessoas da própria comunidade? Justifique

R: Sim eles valorizam por que foram adquiridos dos mais velhos.

10. Escreva um ou dois benzimento que você conhece ou já ouviu alguém falar.

R: Eu só já ouvi falar que tem mais não conheço nenhum.

#### **Aluno nº 4**

1. Qual é seu nome? Onde você nasceu?

R: Josiana Cunha dos Santos. No Vão de Almas.

2. Se o seu nascimento foi na comunidade, sabe quem realizou o parto?

R: Sim foi na comunidade. Mas não sei quem fez o parto.

3. Quantas Parteiras vocês conhecem na comunidade?

R: Eu conheço dez Parteiras.

4. Quais os conhecimentos (saberes) que existe na comunidade?

R: Existem as Parteiras, e os saberes são as rezas, os benzimentos.

5. Quais saberes são mais praticados? Como é a presença desses saberes na comunidade?

R: Mais praticados são os benzimentos e as rezas. Tem a presença bem forte por que todos precisam deles.

6. Você gostaria que esses saberes permanecessem na comunidade?

R: Sim para ajudar as pessoas.

7. Gostaria que esse conhecimento das Parteiras fosse repassado? Por quê?

R: Sim porque assim continuavam com a presença deles um ensinando ao outro.

8. Como a comunidade olha esses conhecimentos?

R: Olha dando valorização e fortalecimento.

9. Esses conhecimentos são valorizados pelas pessoas da própria comunidade? Justifique?

R: Sim por que todos que moram aqui necessitam deles.

10. Escreva um ou dois benzimentos que você conhece ou já ouviu alguém falar.

R: Eu somente já ouvi falar mais nunca aprendi.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seria muito afirmar que este trabalho tenha alcançado e atingido os impactos necessários, desejados como objetivos de encaminhamentos da pesquisa e respectivamente por estas Parteiras, porém, espera-se esta pesquisa tenha contribuído para que os anseios dessas mulheres sejam reconhecidos por vários outros educadores, acadêmicos e pessoas em geral. Elas são pessoas comprometidas com o bem estar das comunidades Kalungas, em especial com a preservação da cultura e das memórias das Parteiras. Sem receber nada pela bela profissão que exercem, exigem apenas reconhecimento e preservação de toda a riqueza cultural, social e de bem estar que a profissão de parteira proporciona às mães quilombolas.

Preservar as memórias das Parteiras, por meio de documentos, imagens, textos e outros, é preservar a memória quilombola como parte da história do Brasil. Logo, essa é uma importantíssima como ferramenta de preservação da cultura, do jeito social e econômico de ser e sustentar-se.

A cultura quilombola não deve ser vista apenas do ponto de vista científico de pesquisa, mas do ponto de vista cultural, respeitando especificidades comuns dos quilombolas, valores e crenças preservadas ao longo de centenas de anos, que podem ser extintos pela cultura científica. Ao observar os relatos preservados na linguagem comum das Parteiras, percebe-se a riqueza de uma língua específica, mas que tem sofrido transformações devido à cultura formal, que prega que os Kalungas não sabem falar.

As Parteiras são a memória viva do que se poder ainda ver, ouvir e vivenciar como algo verdadeiro, simples e real, ao tratar da cultura original quilombola.

Ao terminar análise de dados obtidos, baseada na leitura de textos dos livros de autores que foram dialogados e serviram para o embasamento teórico da pesquisa, entendemos que, quando se trata do trabalho das Parteiras, envolvendo os sujeitos do campo, é preciso se ter uma cautela com suas especificidades únicas e sensíveis no tocante ao respeito e processo de divulgação de saberes que envolvem crenças e divindades.

As pessoas devem lutar para alcançar os objetivos, enquanto cidadãos do campo, e exigir do poder público a implantação de políticas públicas de educação,

saúde e sustentabilidade, capazes de dialogar com os valores e saberes das comunidades rurais, em especial das comunidades quilombolas.

No que se refere ao trabalho das Parteiras, deveria ser incluso com a cidade, pois, o saber das Parteiras com seus conhecimentos e inserir com a realidade iria contribuir com o crescimento dos seres humanos, com seus jeitos simples e suas formas de uso das plantas medicinais e seus benzimentos.

As Parteiras são de grande importância para a comunidade Kalunga Vão de Almas, assim, espera-se que este trabalho sirva como material didático de pesquisa na escola do Campo, da comunidade, para que os docentes e alunos conheçam e valorizem os saberes e conhecimentos das Parteiras, que estão sendo esquecidos. Porque, depois de alguns anos, as crianças mais novas não saberão dizer o que é uma parteira e qual sua importância histórica para a comunidade quilombola.

Portanto, estamos buscando mais informações sobre elas para colocar nas escolas do Kalunga para que os professores possam repassar esses saberes e conhecimentos para os educandos, mostrando o quanto eles são importantes à vida das pessoas como nós, que vivemos tão longe do socorro. Valorizar os saberes e os conhecimentos é um direito das pessoas que ontem e no amanhã precisarão deles.

A aprendizagem das Parteiras traz uma visibilidade para a comunidade e para as escolas Kalungas, fortalecendo esse esforço que tiveram no passado, e que, hoje, tornaram mulheres sábias e guerreiras para ajudar às mulheres que antes apresentavam uma vida bastante sofrida em relação a dar à luz.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jaime Gonçalves de. **Organização espacial e ocupação territorial no Kalunga**: a moradia como efetivada. Brasília – DF: UnB, 2004.

ANJOS, Rafael Sânzio Araújo (pesq.); CIPRIANO, André (fot.). **Quilombolas. Tradições e cultura da resistência**. São Paulo: Aori Comunicação, 2006.

BAIOCCHI, Mari de Nazaré. (org) **KALUNGA: histórias e adivinhações**. Goiânia GO: Gráfica e Editora Vieira, 2010.

DELGADO, Lucilia de Almeida neves et al. **História e memória: metodologia da história oral**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CALDART, Roseli Salette et al. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli Salette (org). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CRESWELL, John, W. **Projeto de pesquisa qualitativa, quantitativa e misto**. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed. 2007.

DIEGUES, Antônio Carlos; ARRUDA, Rinaldo. S.V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

MOURA, Glória (coord). **Uma história do povo Kalunga**. Brasília DF: MEC.

SARAIVA, Regina Coelly. Dossiê: “**História, Natureza, Cultura e oralidade**”; Saberes, fazeres e natureza nas vozes de mulheres na Chapada dos Veadeiros – Goiás. *História oral*, v.1, n. 15, p. 209-229, Jan.- Jun. 2012.

SARAIVA, Regina Coelly et al. **Saberes e Fazeres Tradicionais do Cerrado**: Sabão de tingui (*MagoniaPubescens*). Brasília: Decanato de Extensão/UnB, 2012.

SARAIVA, Regina Coelly F.; RODRIGUES, Lívia Penna Firme; NOGUEIRA, Mônica Celeida R. **Saberes e fazeres tradicionais sobre o cerrado**: a experiência de Dona Flor. Brasília: Universidade de Brasília, Decanato de Extensão: 2011.

SARAIVA, Regina Coelly Fernandes. **Saberes e fazeres tradicionais do cerrado**: sabão de Tingui (*MargoniaPubescens*)/ Regina Coelly Fernandes Saraiva..., [et al. ].- Brasília: DF: Decanato de Extensão/ UnB, 2012.

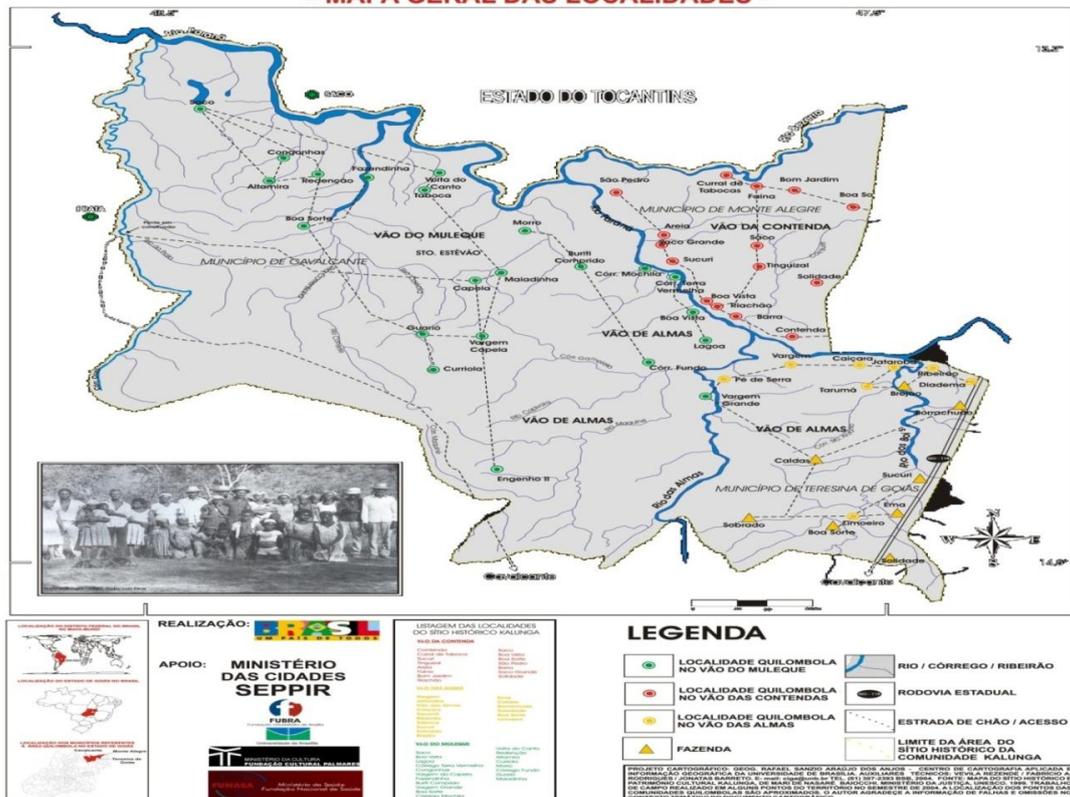
FLEICHER, Soraya Resende. **Parteiras, buchudas e aperreios uma etnografia do atendimento obstétrico não oficial na cidade de Melgaço**. Pará, 2007.

PAULINO, Maria Ângela Silveira. **A pesquisa qualitativa e a história de vida.** (BECKER, 1994).

## ANEXOS

## ANEXO I

**SÍTIO HISTÓRICO E CULTURAL DO REMANESCENTE DE QUILOMBO KALUNGA - GO.  
- MAPA GERAL DAS LOCALIDADES -**



Fonte: ARAÚJO, Rafael Sânzio. Projeto Cartográfico – Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográficas da Universidade de Brasília. Fonte: BAIOCCHI, Mari de Nazaré, Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. Brasília: Ministério da Justiça, Unesco 1999.

## APÊNDICES

### APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO UTILIZADO PARA ENTREVISTAR AS PARTEIRAS:

1. Nome e quantos anos a senhora tem?
2. Com quantos anos a senhora começou a fazer partos?
3. Com quem aprendeu?
4. Quais as dificuldades encontradas durante a realização de partos?  
Já realizou quantos partos?
5. Quais as mudanças ocorridas na comunidade?
6. Quais os remédios que usavam antes do parto?
7. Tinha alguns benzimentos quando a criança demorava em nascer?
8. Quais eram os benzimentos?
9. Quais os materiais usados na corteção do umbigo?
10. Quais os remédios que eram usados?
11. Durante o resguardo tomava alguns remédios quais?

APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO TRABALHADO EM DE AULA COM A TURMA DO  
9º ANO DA ESCOLA ESTADUAL CALUNGA I

1. Qual é seu nome? Onde você nasceu?
2. Se o seu nascimento foi na comunidade, sabe quem realizou o parto?
3. Quantas Parteiras vocês conhecem na comunidade?
4. Quais os conhecimentos (saberes) que existe na comunidade?
5. Quais saberes são mais praticados? Como é a presença desses saberes na comunidade?
6. Você gostaria que esses saberes permanecessem na comunidade?
7. Gostaria que esse conhecimento das Parteiras fosse repassado? Por quê?
8. Como a comunidade olha esses conhecimentos?
9. Esses conhecimentos são valorizados pelas pessoas da própria comunidade? Justifique?
10. Escreva um ou dois benzimentos que você conhece ou já ouviu alguém falar.

### APÊNDICE 3 – RELATO DE DONA EVA

Nossa, tinha muito, teve parto que eu até chorei. Desse parto que realizei nesse ano, derramei lágrimas nos meus olhos, porque já peguei menino. Só eu e Deus parecera, que eu via o caixão na frente. A grávida perguntou: 'a senhora ta é chorando?' Eu neguei: 'que chorando, menina, é suor'. Mesmo com dificuldade, eu dei conta. Hoje ela ta aí com uma menina, graças a Deus e eu. Já realizei 289 partos, só o que eu lembro. Tem alguns que me dá benção. Eu finjo que sei quem é, mais, na verdade eu não sei, e são menino que eu fiz a parto sabendo quem é, todos eles me chamam de mãe. Hum, nisso eu tenho é muitos filhos, mais que me dá atenção é pouco, tem uns quando me vir vira a cara pra outro lado. Se todos gostassem de mim, estava andando na palma da mão, tem alguns que quando chegava já tinha nascido, e o resto? Então, considero que fui eu que peguei por que quem tirou o perigoso foi eu, companheiro (placenta). As mudanças ocorridas são várias. Eu mesmo já sofri demais, porque que antes não tinha estrada, e hoje já tem. Se for o caso de ligar, já consegue daqui mesmo. Esses dias ficaram sem ponto, mas já voltou de novo. E outra, antigamente não vinha carro aqui, as mulheres não sabiam o que era pré-natal. Quantas vezes eu saía daqui, debaixo de chuva, para salvar vidas de mães e crianças. A comunidade, em geral, procurava por mim. Ainda bem que hoje Deus já ajudou, e tem de ajudar, vai todo mundo para o hospital. Eu não penso mais em fazer parto, mais se eu ver a mulher sofrendo, eu peço Deus coragem e enfrento. Se for de morrer alguma mulher por falta de ajuda, se tiver a meu alcanço, com fé em Deus, não morre. Mas, os partos, hoje, estão muito complicados por causa do vestuário, principalmente a calça, ficar em pé na porta; comer arroz pregado ou na panela gruda o companheiro, o jeito é ir pro hospital mesmo; deixar a colher dentro da panela, tudo isso atrapalha quando vai fazer parto. Primeiro vem os males que a pessoa fez, mas não escuta, ainda fala que a gente quer saber de tudo. Uma vez assiste os médicos a fazer um parto, e foi cesário, deu os pontos por dentro e por fora, mas essa linha que fica pelo lado de dentro, com certeza que ela não sai. Aqui, o companheiro é enterrado, e lá no hospital eles joga é no lixo. Quando

eles terminaram me perguntou: 'a senhora agora da conta de fazer um parto igual esse, você aprendeu?' Eu disse: 'pela experiência e pelo que eu vi aí sim, mas a minha comunidade não tem estrutura suficiente, para fazer uma cesariana, principalmente a energia que lá não tem'. Os remédios de banhos' que usava antes do parto' são mamuda e pegava folha de pequi. Cozinhava e banhava, da cintura pra baixo. De beber, que eu sou costumada dar é molho de pimenta do reino com cravo. Fervia um ovo mal fervido e coloca o pó da pimenta no ovo e dá pra comer, e no mais era as simpatias memo. Antes de chegar à casa da mulher que estava com dor, reza o anjo da guarda: 'Meu Anjo da guarda, bem aventurado, eu pego com vós quando precisar, quando for chamado pelo senhor voz é de me atender. Me ajuda, meu anjo, no empino do meio dia, Jesus cristo, ave Maria, três hora da tarde quando o sol pendeu puseram na cruz o filho de Deus, à meia noite a terra tremeu, segundo povo arrependeu. Ah virgem Maria, nossa Senhora, pelo nosso filho, que deu à luz, o vosso filho mesmo assim vos ajuda que a mulher dê a luz do filho dela com os poder de voz, Ave Maria cheia de graça, com os poder de voz, amém. Na cortação do umbigo é utilizada a tesoura mesmo, depois de cortar queima, põe o garfo no fogo até ficar vermelho e a companheira da mulher, quando ganha menino, fica desinquieta fala: 'Padre amado tá na missa, vestindo e desvestindo, vai ao seu ventre e procura o seu lugar. Deus pode, Deus faz tudo', quando ele pode coloca ela no lugar certinho por três vezes. Os remédios que usavam, quando cortava o umbigo, era o azeite extraído da própria mamona. Coloca o azeite no prato e vai molhando o pavio de algodão e coloca em volta do umbigo, quando ele cair aí queima o rabo da vassoura faz o pó. O buraco do couro de vaca tira, ele torra e faz o pó, o pó da quina para ir botando é logo tá sarado, assim que eu cuidava do imbigo dos meus. Na cidade, eles recomendam a por álcool, mas ele resseca que chega sangra, o menino é ate mais sadio quando e curado com azeite não tem cólica. Durante o resguardo, toma e banha com os seguintes remédios; de banho é legramina, mamuda, mentraz, quina. Para beber são: sumo da folha de algodão. Machucar nove dentes de alho, queimar na pinga e beber, e os outros são remédio de catinga como chifre queimado. Depois do resguardo tem a

semana da reserva, essa é a mais perigosa, mais fina do que o resguardo. Se a mulher toma um susto (assustar de alguma coisa), as comidas também que não podem comer, com costela arroz só vinha comer com 15 dias, no mais, era galinha feito sopa de farinha bem mole, a carne também feita a sopa quase sem sal. E, hoje, é tudo mamão, melancia, maçã, ovo frito, que eu vi no hospital, eu chega arrepiava. Eu, de resguardo, rancava mandioca, quando tinha ela, ralava, pegava coco, com chuva, pra tira aqueles caroço mole pra comer. Eu nunca sofri pouco não. Com os partos que realizei, eu me sinto feliz em eu ter ajudado a salvar vidas de crianças e mães. Agradeço Deus todas as noites, senhor são Joaquim, Nossa Senhora, que ela me acompanha o dia e a noite. Se eu ver uma mulher grávida, eu sei como vai ser o parto, sei não, parece que Deus já colocou eu para eu praticar isso. A regra é dar o toque três vezes, conforme for, se o menino tiver perto oce reza, se ele tiver meio longe de nascer, espera um, e depois e dá o ultimo toque e reza, é logo ele chora. Eu posso ensinar, mais está difícil, pois, as mulheres não ganha mais menino aqui. Para fazer parto, entre homem e mulher tem muita diferença do homem é mais pesado e da mulher e mais leve.